

INDÍGENAS E NEGROS NAS PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS DE FRANCISCO ADOLFO VARNHAGEN (1816-1878) E JOÃO CAPISTRANO DE ABREU (1853-1927) PRECURSORES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Lukas Magno Borges

Possui Graduação em Licenciatura plena em História (2009-2012) pela Universidade Estadual de Goiás na unidade Universitária de Itapuranga onde realizou pesquisa de iniciação científica como bolsista do PIBIC/CNPq/UEG relacionada a questão indígena em livros didáticos na cidade de Ceres, orientado pela Professora Poliene Soares dos Santos Bicalho. Atualmente é mestrando pela universidade Federal de Goiás e dá continuidade na pesquisa relacionada aos indígenas em livros didáticos, como bolsista da CAPES, orientado pelo professor Leandro Mendes Rocha.

lukasmagno1@hotmail.com

lukasmestradoufg@hotmail.com,

lukahistoriaueg@gmail.com

160

RESUMO: Desde os primórdios da construção historiográfica brasileira os indígenas e negros vem sendo negligenciado, pouco foram mencionados na história, geralmente representados de forma depreciativa, eram narrados como elemento secundário no processo de formação da “nação” brasileira, tendo um futuro pouco promissor no que diz respeito ao indígena e o inevitável branqueamento no que diz respeito aos negros. Muitas eram as profecias que anunciavam o inevitável futuro “escatológico” aos povos indígenas, fadados a desaparecer com o decorrer do tempo, assim com o inevitável branqueamento da nação brasileira. Esse lugar na história em que foram inseridos os povos indígenas e os negros vem de uma tradição historiográfica influenciada pelo IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) fundado em 1838 sob o aval e proteção do império brasileiro. Os primeiros intelectuais do IHGB tinham intenções de escrever a história do Brasil buscando exaltar os feitos dos portugueses, em busca de garantir uma identidade nacional que enfatizasse a unidade, camuflando todos os conflitos sociais as diferenças os diversos costumes e variedades culturais existentes no território brasileiro. Os principais intelectuais que se dedicaram a esse trabalho foram o viajante alemão Karl Fhipp Von Martius e o visconde Adolfo Varnhagen, o primeiro propõe um plano de como se devia melhor escrever a história do Brasil, no qual defendia que o historiador deveria dar ênfase na busca de uma unidade para a nação, ideal esse por excelência homogeneizador, mas quem de fato irá escrever essa história será o segundo, ou seja, Adolfo Varnhagen que escreveu nos anos de 1850, fazendo jus a esse princípio. Diferente dessa linha de pensamento que buscava uma história que enfatizasse a unidade se destaca João Capistrano de Abreu que escreve posteriormente a Varnhagen já nos anos de 1900, esse estudioso caminha na contramão da via historiográfica proposta no princípio, pelo instituto histórico e Geográfico Brasileiro e Adolfo Varnhagen, buscando dar ênfase em uma história do Brasil que começasse a partir do seu

próprio povo, dessa forma colocando em cena os povos indígenas e em menor proporção inserindo também os negros. O presente artigo objetiva mostrar as principais ideias historiográficas desses dois autores supracitados, a respeito da escrita da história do Brasil, por serem os pioneiros do IHGB que mais se destacaram.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia, negros e indígena.

ABSTRACT: Since the dawn of Brazilian indigenous historiographical construction and blacks has been neglected, some were mentioned in the story, usually represented in a derogatory manner, were narrated as a secondary element in the formation of the Brazilian "nation" process, having an unpromising future in with respect to native and inevitable bleaching with regard to black. There were many prophecies heralding the inevitable future "eschatological" indigenous peoples, fated to disappear over time, so with the inevitable whitening of the Brazilian nation. This place in history in which indigenous peoples and blacks were inserted comes from a historiographical tradition influenced by IHGB (Brazilian Historical and Geographical Institute) founded in 1838 under the guarantee and protection of the Brazilian empire. The first intellectuals IHGB had intentions of writing the history of Brazil seeking to exalt the deeds of the Portuguese, seeking to ensure a national identity that emphasized unity, camouflaging all social conflicts differences the various customs and cultural varieties in Brazil. Leading intellectuals who devoted themselves to this work were the German traveler Karl Von Martius Fhipp and Viscount Adolfo Varnhagen, the first proposes a plan of how you should better write the history of Brazil, in which he argued that the historian should give emphasis on the pursuit of a unit for the nation, this ideal by homogenizer excellence, but who will actually write this story will be the second, Adolfo Varnhagen who wrote in the 1850s, living up to this principle. Different of this line of thought that sought a story that emphasized the unity stands João Capistrano de Abreu, who later wrote Varnhagen already in the 1900s, this student walks in the opposite track historiographical proposal in principle, the Brazilian Historical and Geographical Institute and Adolfo Varnhagen, seeking emphasis on a history of Brazil that started from its own people, thereby placing the scene indigenous peoples and to a lesser extent also entering blacks. This article aims to show the main historiographical ideas of these two aforementioned authors writing about the history of Brazil, being the pioneers of IHGB that stood out.

KEYWORDS: Historiography; Blacks; Indigenous.

Antes de analisar a construção historiográfica relacionada aos indígenas é imprescindível voltar e refletir sobre a historiografia brasileira partindo de análises feitas por autores que escrevem a história do Brasil a partir do IHGB¹ (Instituto Histórico e Geográfico

¹ Instituto histórico e geográfico brasileiro, para melhores informações acessar o site: <http://www.ihgb.org.br/>

Brasileiro), tendo como marco inicial Adolfo Varnhagen, que escreve nos anos de 1850, e Capistrano de Abreu, que escreve posteriormente, em 1900. Este último, como aponta Marta Amoroso (1996), percorreu um caminho intelectual bastante diferenciado do grupo de intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como mostra Bicalho (2010), “sua ascensão intelectual seguiu um caminho bem mais austero em relação aos intelectuais do IHGB protegidos pelo imperador. Talvez desta realidade tenha surgido a sua convicção de que o ideal era pensar o Brasil a partir de sua gente mais simples, sem negligenciar o papel dos índios” (BICALHO, 2010, p.40). Capistrano de Abreu se destacou pelo fato de propor uma forma diferente de escrever a história do Brasil, diferente da forma escrita por Varnhagen que, para Amoroso (1996), se baseia no senso comum de sua época, expressando imagens depreciativas em relação ao indígena.

Restringimo-nos a fazer um contraponto das ideias desses dois autores, por serem divergentes ao pensarem a forma de escrever a história brasileira, Varnhagen por ocultar o papel de negros e indígenas, e Abreu por pensar o contrário, ao pretender iniciar a história do Brasil a partir de seu próprio povo, ou seja, os indígenas. Abaixo segue a análise das principais ideias desses autores, enfatizadas pela Poliene Soares dos Santos Bicalho (2010), José Carlos Reis (2007) Marta Rosa Amoroso (1996), levando em consideração o contexto histórico e as limitações teórico-metodológicas de cada autor, afastando assim o risco de cometer anacronismos e outras posturas anti-históricas.

A escolha desses dois autores não exclui o fato de já haver outras referências/relatos anteriores expressando representações de negro e do indígena. Como se sabe, desde o início da colonização portuguesa tem-se a presença de viajantes e cronistas que se dedicaram a narrar o que viam ao passar por certas regiões do território brasileiro, o que nos leva a pensar a importância destes também serem analisados. Porém, ao pretender executar essa ideia, correríamos o risco de tornar o presente artigo prolixo, já que a pretensão consiste em apenas analisar a questão indígena e do negro relacionando-a com a produção historiográfica brasileira no contexto de criação do IHGB.

1. Varnhagen: defensor de uma história Luso-brasileira

Ao tomar como ponto de partida Adolfo Varnhagen (1850), Reis (2007) mostra como a produção historiográfica desse contexto estava ligada ao IHGB – fundado antes mesmo do imperador D. Pedro II ocupar o trono –, um dos precursores da produção histórica e que estava fortemente influenciado pelo Império brasileiro e, por conseguinte, condicionado a enxergar a história pelo viés do português.

Segundo Reis (2007), a história escrita por Varnhagen tinha como finalidade dar autenticidade aos fatos relacionados aos feitos dos portugueses no Brasil, o próprio Imperador precisava da história para legitimar-se no poder, através de uma história que relatasse os grandes feitos dos portugueses no Brasil e ocultasse os conflitos sociais e as diferenças frente à vastidão territorial.

Nessa perspectiva, Varnhagen representa a história brasileira tendo como referência os portugueses e sua bravura frente à colonização:

A nação recém-independente precisava de um passado do qual pudesse se orgulhar e que lhe permitisse avançar com confiança para o futuro. Era preciso encontrar no passado referências luso-brasileiras: os grandes vultos, os varões preclaros, as efemérides do país, os filhos distintos pelo saber e brilhantes qualidades, em fim, os luso brasileiros exemplares, cujas ações pudessem tornar-se modelos para as futuras gerações. (REIS, 2007, p. 25).

O papel da história então consistia em exaltar os portugueses relatando a vida destes no Brasil, acreditava-se na superioridade dos europeus em detrimento dos outros povos, tais como negros e indígenas, sendo essas raças “desamparadas”.

Essa ideia de escrever a história do Brasil a partir dos feitos portugueses não parte exclusiva e unicamente de Varnhagen que, antes de escrever, foi influenciado pelo pensador Karl Philipp Von Martius, o vencedor do prêmio cedido pelo IHGB àquele que desenvolvesse o melhor projeto para a escrita da história do Brasil, que consistia justamente em criar a história na perspectiva européia/portuguesa. “Von Martius dará alguma ênfase à história dos indígenas. Quanto ao negro, ele será breve, oferecendo poucos dados e propondo algumas poucas questões”. (REIS, 2007, p. 27). De fato, a história, conforme preconizou Von Martius, deveria estar centrada unicamente no Império e no imperador, “apesar da variedade de usos e costumes, dos climas, das atividades econômicas, das raças e da extensão territorial, o historiador deverá enfatizar a unidade.” (REIS, 2007, p. 27)

No entanto, Von Martius não se dedicou a executar a história que constava em seu projeto, quem irá levar adiante esse trabalho será Adolfo Varnhagen, que se encarregou de fazer relatos em busca da unidade, que tinha por ideal construir uma identidade para a nação brasileira.

Uma história que não falasse de tensões, separações, contradições, exclusões, conflitos, rebeliões, insatisfações, pois uma história assim levaria o Brasil à guerra civil e a fragmentação; isto é, abortaria o Brasil que lutava para se constituir como poderosa nação. (REIS, 2007, p. 28).

Nessa perspectiva, indígenas e negros não são dignos de aparecer nos relatos sobre o Brasil, já que a historiografia da época almejava a consolidação de um território homogêneo, com tendência à unidade, no qual as tensões sociais seriam acobertadas.

Os indígenas quase não eram mencionados, e quando relatados, as narrativas estavam carregadas de aspectos negativos, relacionando-os a tudo aquilo que seria ruim para a cultura eminentemente judaico-cristã, assimilando o indígena à barbárie e ao extinto animalesco e generalizando a diversidade de povos que havia no território brasileiro tanto indígenas quanto aos negros. Reis (2007) relata como os indígenas eram vistos por Varnhagen:

Violentos, mantinham guerras de extermínio entre si; bárbaros, não nutriam os altos sentimentos de patriotismo. Sem amor à pátria essas gentes vagabundas, em guerra constante, constituíam, no entanto uma só raça e falavam dialetos de uma só língua – a geral ou tupi –. Era uma unidade de raça e língua que poderia tê-los levado a constituição de uma única nação. (REIS, 2007, p. 35).

Percebe-se então a forma homogênea em que são representados os povos indígenas, que para Varnhagen se constituía em uma única raça com uma única língua variante do tupi, são generalizados, e aparecem como povos violentos que mantinham relações belicosas entre si. Eis agora definição das intenções historiográficas de Varnhagen elencadas pela estudiosa Marta Rosa Amoroso (1996):

Sobre o tema da diversidade dos índios do Brasil, Varnhagen pretendia colocar um ponto final no “infindável palavrório” que o tema provocava. Os nomes que enchem catálogos, na verdade não passariam de alcunhas. Todos os povos não passariam da variação do mesmo tupi. A generalização ganha dimensões globais quando varnhagen incluía os índios brasileiros na categoria de “bárbaros”, que englobava também as nações européias antes de fazer o uso do bronze e do ferro. Usos e

costumes semelhantes aproximariam índios do Brasil e bárbaros europeus. (1996, p. 187).

Os indígenas foram interpretados a luz do ponto de vista europeu, sendo comparado com os próprios europeus em um longínquo passado no qual, esse ainda era “bárbaro e primitivo”. “os indígenas foram considerados os mais decaídos na escala etnográfica, embora tivessem conseguido influencia a cultura brasileira, e os negros são descritos como os derrotados na escala etnográfica, por serem portadores de uma intrínseca inferioridade” (Loendro Mendes Rocha, 2003, p.41).

Deve-se levar em consideração a época que Varnhagem escreve, pois, naquele período havia limitações teóricas e metodológicas que o impossibilitariam Varnhagen de pensar de outra forma. Como salienta Reis, em resposta a outros autores que desconsideravam quase por completo a obra de Varnhagen, por se tratar de uma visão histórica portuguesa elitista, “é preciso situar as obras e seus autores em suas condições históricas objetivas e subjetivas para que se possa realizar uma análise justa e produtiva” (2007, p. 33).

Mesmo considerando a obra desse autor em seu tempo e respeitando as suas ideias, não se pode negar o fato de que seu pensamento contribuiu para expressar o preconceito e as ideias deturpadas sobre a diversidade de indígenas e negros, ideias estas que ainda persistem no meio social atualmente, atingindo a grande maioria das pessoas.

Essa forma de tratar os indígenas e negros na atualidade é inconcebível frente aos avanços interpretativos da ciência histórica, ainda mais pelo fato de que tal ciência não usa somente teorias particulares à sua área, é intercambiável com as outras ciências, como a sociologia, a psicologia e a antropologia, nos assuntos relativos aos indígenas e aos negros. Estas ciências oferecem-nos bases interpretativas, condiciona a olhar com mais concisão para as realidades de povos que até então foram marginalizados na historiografia.

Dando continuidade às análises feitas por Reis (2007), a partir das reflexões de Von Martuis, os negros, assim como a indígenas, não serão dedicados a esses, um lugar relevante na história, ambos faziam parte de um passado vergonhoso que deveria ser esquecido. Quando fala sobre os negros, como já foi dito, estes estão ligados a aspectos negativos que são relacionados com o período colonial.

Varnhagen defendia uma colonização em que não fosse utilizada a mão de obra escrava não considera a presença do negro positiva à colonização portuguesa, e entendia que a

inserção do negro foi um grande mal para o Brasil, pelo fato de disseminar hábitos e costumes pervertidos na sociedade e, acima de tudo, contaminá-la a com sua cor negra.

Varnhagen acreditava que , aos poucos, cor negra iria desaparecer compactuando com a teoria do branqueamento da nação brasileira no qual dizia que o Brasil com o decorrer do tempo a negritude e seus elementos desapareceriam pois muitos pensadores da época afirmavam a preponderância do gene do homem branco em detrimento do gene do homem negro, tinham também como justificativa da inferioridade do negro os acontecimentos no episódio da colonização em 1500, onde os negros foram trazidos a força para o Brasil, para servirem como mão-de-obra, dessa forma o negro teria sido derrotado pelos europeus já que esses o escravizaram, assim o branco europeu havia provado que era mais forte, então justificava-se que o branco era superior inclusive em sua genética. Essa teoria já se encontra forte e bastante disseminada no Brasil do século XIX, raciocínio esse que também se expressa em Varnhagen:

Mas fazemos votos de que um dia as cores de tal modo se combinem, que venham a desaparecer totalmente do nosso povo as características da origem africana e a acusação da procedência escrava de um dos troncos da população brasileira, apesar da escravidão no Brasil ter sido mais suave do que em outro país da América, onde o anátema acompanha não só a condição e a cor como todas as suas gradações. (HGB Varnhagen, p. 223, *apud* REIS, 2007, p. 43).

Para Varnhagen, seria melhor que, ao invés do negro, indígenas e colonos desempenhassem o trabalho, pois, dessa forma, teria evitado os males dessa “raça”. Segundo esse pensador, o próprio fato de ser trazido ao Brasil para desempenhar o trabalho escravo os impossibilitariam de despertarem o sentimento de amor à pátria, nessa perspectiva, o ideal seria que esses escravos viessem ao Brasil na condição de servos, e viessem com suas famílias, dessa forma evitaria os sentimentos avessos ao amor à pátria.

Mas, percebe-se que essa posição antiescravista, não esta ligado a um processo em defesa dos próprios negros, e sim pelo fato de a escravidão ter atrapalhado a formação de um Brasil mais português. Esse caminho defendido por Varnhagen, segundo o qual teria sido melhor ter trazido os negros na condição de servos ao invés de escravos, se configura só em função do inevitável uso do trabalho escravo, ou seja, se não houvesse outros recursos fora da África.

A ideia de Varnhagen se constrói em defesa da colonização portuguesa. Indígenas e negros só aparecem acompanhados mediante a “lástima” de sua presença, pois a sua intenção é ressaltar a bravura e os nomes de “heróis” portugueses. Na concepção de Reis (2007), Varnhagen faz o “elogio da colonização”, defendendo a continuidade de um Brasil português.

2. Capistrano de Abreu: um novo olhar sobre as perspectivas historiográfica do Brasil

167

Com Capistrano de Abreu (1953-1927), que escreveu em um período posterior a Varnhagen, há uma inflexão/mudança de rumo, na forma de pensar as origens do Brasil, “do ponto de vista de sua gente” (AMOROSO, 1996, p. 185). Abreu foi influenciado por pensadores da sociologia do seu tempo histórico, como Comte, Hebert Spencer, Darwin, entre outros inspirados pelas teorias positivistas e evolucionistas, e até lamenta o fato de Varnhagen não ter conhecido essas novas teorias sociológicas para aplicar em sua pesquisa: “ele só pôde descobrir e dominar documentos, reconstituir fatos, mas não pôde produzir generalizações, formular uma teoria que permitisse a sua compreensão.” (REIS, 2007, p. 30)

Deve-se ressaltar o contexto histórico no qual os dois autores analisados escrevem. Diferente de Varnhagen, que escreve no contexto de consolidação da monarquia, nos anos de 1850, Abreu escreve no período de sua decadência, nos anos de 1900, influenciado pelo positivismo/cientificismo, período em que se pensava que a sociedade poderia ser estudada como as ciências da natureza, submetida a leis e sob o ideal empírico passível de resultados objetivos.

A preocupação cientificista de Capistrano era de toda uma nova geração. No pós-guerra do Paraguai, essa geração quer reinterpretar a história brasileira, privilegiando não mais o Estado imperial, como Varnhagen, mas o povo e a sua constituição étnica. A formação intelectual de Capistrano se deu nesse ambiente determinista, cientificista, até racista. (REIS, 2007, p. 89).

Torna-se importante pensar o ambiente intelectual em que Abreu escreveu a sua história sobre o Brasil, que se configura enquanto o oposto da forma escrita por Varnhagen.

Capistrano escreverá uma “outra história do Brasil”: antiportuguesa, anti-reinol, antieuropeia, anti-Estado imperial, antipolítico-administrativa. Ele ecoará as vozes de Antonil e dos rebeldes de todo o período colonial. Redescobrimo o Brasil, Capistrano fará o elogio da rebelião brasileira. (REIS, 2007, p. 97).

Nessa perspectiva Abreu utilizará o indígena como personagem principal de seus relatos sobre a origem do Brasil, valorizando os costumes, a miscigenação e aspectos da natureza brasileira, escrevendo sobre seus “Hábitos, comportamentos, atividades técnicas, guerras, vida sexual, trabalho, educação, religiosidade, artes, lendas, línguas” (REIS, 2007, p. 98). Realizou trabalho etnográfico com alguns povos indígenas, como os estudos feitos sobre a língua Kaxinawá e a língua e a cultura Bacairi, entre outros, tendo por base estudos etnográficos produzidos por outros estudiosos, como Karl Von den Steinen Paul Ehrenreich.

Porém, segundo BICALHO (2010), em tese de doutorado ressaltando o protagonismo indígena no Brasil a partir de 1970² faz a análise da obra desse autor, intitulada *Capítulos de história Colonial* (1907), no qual, mostra, que “Capistrano não se alongou muito nas descrições sobre o mesmo (*indígena*), já que o seu foco na obra citada era o povoamento do Brasil, e não o índio propriamente”. (BICALHO, 2010, P. 40), ao definir as origens do Brasil, dará ênfase ao indígena, mais na perspectiva de elucidar o povoamento do Brasil. Deve-se levar em consideração também a influências de autores da literatura indianista, como Gonçalves Dias e José de Alencar, como já foi dito acima, pretendiam idealizar o índio como o herói nacional. O importante perceber é que partir de várias influencia de seu contexto, a sua abordagem histórica, tomará rumos diferentes da abordagem de seu predecessor Varnhagen.

Outro fato curioso é que, segundo Reis, Abreu atribui o elemento exótico ao europeu e ao negro, que teria chegado ao território posteriormente aos indígenas, sendo o português o primeiro elemento exótico, o invasor e o colonizador; e o negro o segundo, importado da África para desenvolver a mão-de-obra.

Para vê-los assim ele se coloca no ponto de vista do indígena e da terra do Brasil, que vêem chegar novos e desconhecidos elementos. Ele olha da praia para o oceano cheio de caravelas, enquanto Varnhagen olhava da caravela de Cabral para a praia, e via uma terra exótica povoada por alienígenas. (REIS, 2007, p. 98).

²Sobre protagonismo indígena ler a tese de doutorado da autora Poliene Soares dos Santos Bicalho, intitulada: *Protagonismo Indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos* (1970-2009).

A partir dessa ideia, percebe-se que Abreu pensa uma historiografia oposta à forma pensada pelo seu predecessor, ao analisar o processo colonial a partir da visão do indígena, ou seja, “olhar não da caravela de Cabral para o litoral, mas da praia para a frota”, enfatizando a visão do indígena.

Sobre o negro, Abreu será breve, não se preocupa em relacioná-lo com a África, local de sua origem, se interessando mais pela relação entre “brancos” e índios. Porém, ao retratar o negro, segue essa mesma ideia de mostrar o papel que ele desempenhou na sociedade. Abreu, diferente de Varnhagen que procura ocultar os conflitos, deu ênfase aos atos praticados pelos portugueses em relação ao negro e ao indígena, mostrando que os negros eram dominados e oprimidos, algemados e humilhados, enquanto índios fugiam para a floresta adentro, pois os brancos, com suas armas, os exterminavam.

No geral, “seu ponto de vista é inovador ao mesmo tempo constrói um novo passado e desconfia do passado estabelecido, oficial” (REIS, 2007, p. 114). O sujeito da história do Brasil é o seu próprio povo em sua diversidade e unidade, se opondo à continuidade do passado português, como era desejado e exaltado por Adolfo Varnhagen.

Referências

ABREU, J. Capistrano de. *Ensaio e estudos: crítica e história*. Rio de Janeiro/Brasília, Civilização brasileira/INL, 1975.

ABREU, J. Capistrano de. Sobre o visconde de porto seguro. In: ensaios e estudos: crítica e história. 2 ed. Rio de Janeiro/ Brasília, Civilização brasileira/ INL, 1975a.

AMOROSO, Marta Rosa. *Capistrano de Abreu e os índios*. Editora HUCITEC Ltda. São Paulo Brasil, 1996.

AMOROSO, Marta Rosa e CALÁVIA, Oscar S. (1995) *Filhos do Norte. O indianismo em Gonsalves Dias e Capistrano de Abreu*, In. SILVA, Aracy Lopes da, GRUPIONI, Luis Donizete Benzi. (org.). *A Temática Indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: Editora MEC/MARI/UNESCO, 1995.

REIS, Jose Carlos. *As identidades do Brasil 1*. De VArhagen a FHC. Editora FGV. 9. Ed. Rio de Janeiro 2007.

ROCHA, Leandro Mendes. *A Política indigenista no Brasil: 1930-1967*. Goiânia: ED. UFG, 2003.

SANTOS, Poliene Bicalho dos. *Protagonismo indígena no Brasil: Movimento, cidadania e direitos (1970-2009)* / Poliene Soares dos Santos Bicalho, Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, instituto de ciências humanas departamento de História 2010.